

MEB PARINTINS: das trajetórias e experiências de vida de cursistas, comunidade do Maranhão (1970-1990)¹

Kérolen Ribeiro Marinho²
João Marinho da Rocha³

Resumo: Este artigo é fruto da pesquisa que objetivou compreender aspectos do Movimento de Educação de Base-MEB na comunidade do Maranhão. A partir das questões teórico-metodológicas do campo da História Social e dos diálogos com a metodologia da História Oral (Delgado,2010; Pollak,1992; Alberti,2011; Caprini,2010; Portelli,1997; Meihy,2002), registramos e analisamos as trajetórias e experiências de vida de três cursistas, da referida localidade (1970-1990), iluminando elementos da História do complexo de comunidades que compõem o que se denomina “polo Maranhão”. As informações levantadas em tais narrativas auxiliam não somente no historiar das trajetórias individuais de cursistas, mas apresentam suas vivências, experiências coletivas e novos conhecimentos adquiridos no âmbito do curso MEB. Isto torna-se significativo, na medida em que contribui para recuperar aspectos da história da educação, a partir desse movimento de alfabetização que foi o MEB.

Palavras-chave: MEB; Trajetórias; Cursistas; Memórias; Alfabetização.

Abstract: This article is the result of the research that aimed to understand aspects of the Movement of Basic Education - MEB in the community of Maranhão. From the theoretical-methodological questions of the field of Social History and the dialogues with the methodology of Oral History (Delgado, 2010, Pollak, 1992, Alberti, 2011, Caprini, 2010, Portelli, 1997 and Meihy, 2002), we record and analyze the trajectories and life experiences of three students, from that locality, (1970-1990), illuminating elements of the history of the complex of communities that make up what is called the Maranhão polo. The information gathered in these narratives helps not only the history of the individual trajectories of the students, but also presents their experiences, collective experiences and new knowledge acquired within the framework of the MEB course. This becomes significant, since it contributes to recover aspects of the history of education, from this movement of literacy that was the MEB.

Keywords: MEB; Trajectories; Cursistas; Memoirs; Literacy.

INTRODUÇÃO

O artigo trata sobre as trajetórias e experiências de cursistas, no contexto de atuação do Movimento de Educação de Base-MEB, especialmente na comunidade do Maranhão-Rio Uaicurapá, município de Parintins, interior do Estado do Amazonas. Meu primeiro contato com o assunto em sala de aula foi quando a professora do CESP-UEA, Mônica Xavier do curso de Licenciatura em História fez um breve comentário sobre o Movimento de Educação de Base enquanto ministrava aula na disciplina Metodologia do Ensino da História no ano de 2017. Isso de imediato despertou-me o interesse sobre o

¹ Artigo apresentado como exigência parcial para o título de Licenciatura em História na Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins-CESP/UEA.

²Estudante de Graduação do 8º semestre do curso História do CESP/UEA, e-mail: kérolenmarinho942@gmail.com

³ Professor Assistente da Universidade do Estado do Amazonas, Centro de Estudos Superiores de Parintins. UEA/CESP. Doutorando do Programa de Pós-graduação “Sociedade e Cultura na Amazônia”. Universidade Federal do Amazonas PPGSCA/UFAM. E-mail: jmrocha.hist@hotmail.com

assunto, especialmente a partir do momento em que tive a certeza de que a minha comunidade havia recebido essa oportunidade de alfabetização de jovens e adultos. Esse tema é de muito valor para a Universidade, e principalmente para a própria comunidade do Maranhão, pelo fato de a mesma não conter registros escritos ou qualquer outro tipo de documentos que informem sobre o período em que o MEB esteve ali presente desenvolvendo suas atividades no ambiente comunitário, (1970-1990).

O trabalho apresenta três sessões, a saber: a primeira, *“Memória, História Oral, e História no Maranhão: algumas reflexões que iluminam as trajetórias e experiências de cursistas do MEB no Maranhão”*, onde descrevemos o objeto de estudo, situando no campo da história social, abordando a história oral, micro -história, história local e regional; A segunda *“sobre a comunidade do maranhão”*, onde apresentamos o histórico da comunidade, indicando sua posição histórica como pólo da região. Por fim na última sessão intitulada *“Das trajetórias e experiências de cursistas”* refletimos sobre a trajetória de vida de cada cursista, nos quais apresentando sua entrada no MEB, as vivências e experiências vividas no grupo (1970-1990) período em que o MEB esteve contribuindo com a comunidade escolar do Maranhão.

Frisamos que o meio principal para que se chegasse as informações desejadas sobre o curso, foi através da memória de três pessoas que tiveram a oportunidade de alfabetizar-se. Assim, houve a necessidade de produzir o próprio material de trabalho, para discorrer melhor sua trajetória na comunidade escolar. Optamos por historiar as experiências dos cursistas, apresentando suas memórias para que as pessoas que não tiveram a oportunidade de conhecer a trajetória dos cursistas na comunidade do Maranhão possam compartilhar desse estudo. O mesmo se reveste de relevância para a comunidade acadêmica e para os moradores do Maranhão, haja vista que permite um conhecimento sobre o MEB referido a partir das experiências dos próprios cursistas. E mais, também ilumina para quem teve importantíssimo papel educacional dentro da comunidade, e sem dúvidas, deixou muitas saudades. Sua participação nas comunidades dos interiores, deve ser lembrada sempre, pois, sem dúvidas, esse curso ficará para sempre marcado na história e na memória dos que viveram esta experiência.

1. MEMÓRIA, HISTÓRIA ORAL, E HISTÓRIA NO MARANHÃO: reflexões que iluminam as trajetórias e experiências de cursistas do MEB no Maranhão.

A pesquisa intitulada sobre o *Movimento de Educação de Base- MEB na comunidade do Maranhão, Parintins-Am Trajetória e Experiência de Cursistas da Comunidade do Maranhão (1970-1990)”*, historiam sobre as experiências de três cursistas. Esse Movimento de Educação de Base, uma

criação da Igreja Católica, nasceu da experiência das escolas radiofônicas lançada pelo bispo Eugênio Sales em Natal no ano de 1958, criado através do decreto nº 50.370, 21 de março de 1961.

(...)assinado pelo presidente Jânio Quadros, (...) tratava-se de um movimento de responsabilidade da Igreja Católica, dirigido pela CNBB, mas cuja concepção e execução foram confiadas a leigos[...], imprimindo ao movimento um caráter de conscientização e politização do povo (SAVIANI, 2008, p. 317).

O Movimento contava com o apoio de monitores, supervisores, animadores/locutores e pessoal de apoio. As aulas eram transmitidas pelo rádio, e no tempo da ditadura civil-militar em 1964, passou por uma fase difícil, pois foi proibido falar nas rádios, devido o projeto ser desenvolvido pela (Conferência Nacional dos Bispos do Brasil) CNBB, que considerava como objetivo deles, a evangelização dos cursistas. No entanto, o movimento do MEB mostra que o principal objetivo era alfabetizar e tornar o cidadão mais crítico e participativo nos debates da sociedade, pois, o movimento foi o único,

(...)que logrou intensa penetração no meio rural, inclusive dando apoio decisivo à sindicalização rural, principalmente no início dos anos de 1960. E foi o único movimento que sobreviveu ao golpe militar de 1964 e a repressão dos anos seguintes, devido exclusivamente ao fato de ser um movimento da igreja (FÁVERO, 2006, p.4).

O projeto, no entanto, conseguiu passar por essas barreiras, e como indica o autor acima, foi o único movimento de educação que sobreviveu a esse período, apesar de muitas escolas radiofônicas fecharem suas portas por causa das perseguições que sofriam. Com isso, historiamos as experiências desses cursistas do MEB na comunidade que atuaram nesse período que corresponde a uma década.

Neste sentido, ao trazermos essas experiências fez-se necessário compreender o campo da História e as abordagens metodológicas que amparam essas narrativas histórica.

A história divide-se em diversos campos e um deles é a História Social, dentre outras intenções, que visa mostrar a participação dos sujeitos esquecidos dentro de um determinado acontecimento ocorrido principalmente no passado, e que nunca tiveram a oportunidade de compartilhar com outras pessoas as vivências, os sentimentos e experiências de vida. É “na experiência social que emergem valores, sentimentos, opções, como também ações.” (Pacheco, 2010. p.36).

Através das leituras possibilitadas pela História Social, percebemos que o Movimento de Educação de Base (MEB), trouxe a oportunidade de inúmeras pessoas do interior serem não somente restritos ao fato de serem alfabetizadas, mas também tornar sujeitos mais participativos em sociedade. Neste estudo suas vozes é que dão a condução para nossa análise histórica haja vista que “a história social pode dirigir sua atenção para uma classe social, para uma minoria, para um grupo profissional, para uma célula familiar –ou seja, para um subconjunto específico da sociedade” (Barros, 2005, p.14).

Nesse sentido, as experiências dos cursistas do MEB da comunidade do Maranhão foram registradas através da História Oral, uma metodologia de fundamental importância para as comunidades rurais, no sentido de dar visibilidade às memórias que tais pessoas têm sobre determinado evento histórico, e processo social como foram as experiências no MEB. Isto ganha mais valor ainda quando não se tem indícios de documentos escritos nas comunidades sobre tal curso. E mesmo que existem não dão conta de evidenciar as experiências de tais cursistas, nossos objetos em questão. Nisso, em virtude de registros escritos que muitas comunidades rurais do Baixo Amazonas, a História Oral pode contribuir para que as memórias dos sujeitos venham a se tornar uma forma de registro das histórias dessas comunidades em ações articuladas com o ensino da História local. Nesse sentido contribuindo com essa forma de registro e ensino da história local, o trabalho com a história social.

(...) pode ser elaborada tanto do ponto de vista de uma macro -história, que examina de um lugar mais distanciado aspectos como os movimentos sociais ou como a estratificação social de uma determinada realidade humana, como pode ser elaborada do ponto de vista de uma micro -história, que se aproxima para enxergar de perto o cotidiano, as trajetórias individuais (...). (BARROS, 2005, p. 18).

Nesse sentido, trabalhamos com a história social que permitiu enfatizar a questão por meio de escalas menores, mas conectadas a cenários extra locais. Esta estratégia foi possível através da abordagem da micro história, onde ganha destaque as trajetórias e as experiências desses cursistas no MEB. Partimos do macro história que é o contexto histórico social brasileiro no qual se deu tal programa de Educação Popular. A partir de realidades como a dos cursistas do Maranhão conectamos as experiências locais à cenários nacionais, para a micro história. Segundo Barros (2005.p.07), essa perspectiva teórico-metodológica “é uma abordagem historiográfica[...], ela escolhe como campo de observação um recorte micro historiográfico-uma vida, um circuito de sociabilidade, uma pratica social[...]”. Devido à ausência de referências acadêmicas formais no âmbito do curso de formação de professores de

História do CESP, desse movimento de alfabetização e a referência pontual em uma discussão casual, esse tema despertou-me curiosidades. Em uma viagem para o Maranhão averiguamos se havia ocorrido a alfabetização através do MEB na comunidade e a informação foi positiva.

Se hoje temos a oportunidade e o contato com esse tema e demais é através das concepções da história social que os chamados “temas malditos” (Fenelon,1993). Por ser memórias individuais, dificilmente essas memórias são compartilhadas com público ampliado, muitas das vezes são relatadas somente dentro da família, pois como está relatado no caderno de campo desta pesquisa.

Claudemir Farias, 68 anos, um dos sujeitos cursistas e colaboradores desta pesquisa, relata que nunca havia se sentido tão importante, por participar e contribuir para uma pesquisa de uma importantíssima Universidade. Segundo ele, ainda não havia dado nenhuma entrevista para acadêmicos de uma faculdade, e que, poder ajudar num trabalho acadêmico, relatando sua experiência dentro do MEB e contando sua história de vida é muito gratificante. Graças à história social e a metodologia da história oral, podemos ter contato com esses temas, pois,

Não há como negar, foi a partir de suas concepções e perspectivas que os chamados “temas malditos”, ou seja, quase todos que tratam dos excluídos sociais, sejam pobres, vagabundos, prostitutas, negros mulheres índios, etc., encontraram guarida nessa historiografia (FENELON;1993, p.76.).

A pesquisa fez uso da História Oral, uma vez que é necessário compreender o campo da história e as abordagens metodológicas que ampara esta narrativa histórica. De acordo com Delgado, (2010, p.15), “é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas introduzidas e estimuladas, testemunhos e visões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões”. A metodologia traz técnicas que possam ajudar os sujeitos entrevistados, na hora de expor suas experiências e trajetórias de vida, a qual vai trabalhar a memória sobre suas vivências e experiências dos fenômenos.

Segundo Pollak, (1992, p.204), “a memória é um fenômeno construído social e individualmente, quando se trata da memória herdada, podemos também dizer que há uma ligação fenomenológica muito estreita entre a memória e o sentimento de identidade(...)”. Ainda sobre a memória Delgado, (2010) nos lembra que, a memória é de valor infinito, onde múltiplas variáveis dialogam entre si, muitas vezes relevando lembranças de forma explícita, outras vezes de forma velada. Em nosso estudo, foi utilizada a memória como elemento

central, a partir do qual são reconstruídos aspectos das vivências e experiências dos cursistas do MEB.

É importante frisar que um dos objetivos específicos deste estudo foi identificar e descrever as trajetórias de vida dos cursistas do MEB do pólo Maranhão, pois essas memórias não são encontradas em arquivos e outros trabalhos tipos de trabalhos sejam eles acadêmicos ou não. Caracteriza como algo do particular, pessoal, momentos que são guardados nas memórias de cursistas, pois “a maioria das vezes, os documentos não estão em arquivos públicos organizados e a disposição da pesquisa. O pesquisador vai ter que localizar o material que pode estar em poder de famílias ou instituições que dificultarão o acesso por motivos diversos” (Caprini, p.04).

Pelo fato da comunidade não conter registros documentais sobre o curso do MEB, precisei me deslocar até a comunidade do Maranhão para colher meu material de pesquisa. Informações essas que só pude adquirir com as pessoas que cursaram o MEB, utilizando-me de sua memória para o desfecho do trabalho de pesquisa. Delgado (2003, p.23). Nos lembra que “a historial oral é uma metodologia primorosa voltada a produção de narrativas como fontes do conhecimento, mas principalmente do saber”. Para Alberti (2011.p.155), “A história oral é uma metodologia de pesquisa e de constituição de fontes (...). Ela consiste na realização de entrevistas gravadas com indivíduos que participaram de, ou testemunharam, acontecimentos e conjunturas do passado e do presente (...)”.

Considerando que “a coleta de representações por meio da Historia Oral, que é também história de vida, tornou-se claramente um instrumento privilegiado para abrir novos campos de pesquisa” (Pollak; 1992, p.207), nossa pesquisa teve contribuições ilustríssimas de pessoas que cursaram o MEB no interior de Parintins, na comunidade do Maranhão. São estes: *a)* a senhora Anidaltina da Silva Rodrigues, 71 anos; *b)* seu Osmar Barroso Lopes, 76 anos, ambos nascidos e criados na comunidade do Maranhão e *c)* seu Claudemir farias da Silva, 68 anos, Paraense, que veio muito jovem da cidade de Icorací, morar na comunidade pólo da pesquisa.

As entrevistas foram realizadas e posteriormente transcritas. Faz-se necessário entender o que significa transcrição, procedimento que “transforma objetos auditivos em visuais, o que inevitavelmente implica mudanças e interpretação”. (Portelli, 1997, p.27). Mais ainda, a “transcrição é o processo de passagem equiparado das narrativas orais para a escrita

como se um código equivalesse ao outro”⁴. As narrativas orais(transcritas) são a base para esse trabalho, sendo a memória o foco principal. Nesse sentido, as análises dos textos, juntamente com as entrevistas (fontes orais) permitiram escrever sobre a trajetórias e experiências de cada cursistas. Segundo Alberti (2011, p.157), “na década de 1960, paralelamente ao aperfeiçoamento do gravador portátil, tornaram-se frequentes também as “entrevistas de história de vida” com membros de grupos sociais que, em geral, não deixavam registros escritos de suas experiências e formas de ver o mundo (...)”.

Com isso pretende-se historiar as experiências desses cursistas do MEB na comunidade que atuaram nesse período que corresponde a uma década, neste sentido ao trazer estas experiências faz-se necessário compreender o que é história oral. De acordo com Delgado, (2010, p.15) “é um procedimento metodológico que busca, pela construção de fontes e documentos, registrar, através de narrativas induzidas e estimuladas, testemunhos, versões e interpretações sobre a história em suas múltiplas dimensões.”

O procedimento metodológico aplicado nessa pesquisa foi a pesquisa de campo, partindo para uso da fonte oral, realizando entrevistas com três cursistas, tornando-as a principal fontes a serem exploradas para esse trabalho, pois as mesmas supriram a falta de documentos ou materiais que apresentassem informações do período da realização do curso do MEB na comunidade do Maranhão e também uso de teóricos fez-se necessário para se obter melhor entendimento e discorrer ideias para facilitar uma compreensão maior do uso das fontes orais. Pois,

Além disso, a história social recolocou inúmeras questões no que diz respeito a uma variedade bem grande de registros documentais, facilitando investigações antes consideradas impossíveis pela inexistência de fontes, ou pelo não reconhecimento deste estatuto a materiais inexplorados. (FENELON ,1993, p.76.)

A história social trouxe para a comunidade acadêmica diversas possibilidades no que diz respeito a construção de trabalhos acadêmicos, que no entanto, antes se tornava impossível de serem pesquisados ou investigados por falta de materiais que pudessem dar suporte a pesquisa, como por exemplo, os documentos inscritos, ou aqueles documentos que até então não se tinha ideia ou métodos de como serem explorados. Segundo Castro (1997) “[...], a

⁴Fios de memória que constroem história: Histórias, memórias e identidades de comunidades rurais-Parintins/Am. Guia Prático de História Oral: FUNDAMENTOS Programa Institucional de extensão – Progex/UEA,2014.

história social passa a ser encarada como perspectiva de síntese, como reafirmação do princípio de que, em história, todos os níveis de abordagem estão inscritos no social e se interliga [...]”. Mais ainda:

(...), a história social recolocava como questão nos anos 60, no auge das abordagens estruturalistas, o papel da ação humana na história e, *pour cause*, o problema das estratégias de preservação de fortunas ou status, das greves o ou do protesto popular, o tempo da experiência e do vivido (...). (CASTRO, 1997)

Segundo Castro, 1997 “[...], a história social recolocava como questão nos anos 60 [...] o papel da ação humana na história e, *pour cause*, o problema das, (...) greves ou do protesto popular, o tempo das experiências e do vivido [...]. A história social é um instrumento fundamental para a historiografia, pelo fato de dar a oportunidade de se trabalhar diversos assuntos, pois ela dá ao historiador o suporte essencial para se desenvolver o trabalho. A pesquisa torna-se facilitadora, por causa dos diversos meios exploradores, até então desconhecidos aos olhos do pesquisador, que a história social proporciona, que em tempos passados não se tinha. E contemporaneamente permite temas, abordagens e perspectivas outras como as que propomos para histórias aspectos do MEB na comunidade do Maranhão.

1. SOBRE A COMUNIDADE DO MARANHÃO

Maranhão, localizado no rio Uaicurapá, no município de Parintins, interior do Estado Amazonas, foi uma das comunidades do interior na década de 70 à ser privilegiada com o curso do Movimento de Educação de Base-MEB.

Segundo Fávero (p.06): “Em cinco anos, cerca de 320 mil alunos concluíram o ciclo de alfabetização, dos quais quase 120 mil só em 1963”. Nesse sentido se torna importantíssimo este investimos científico inicial sobre o MEB na comunidade do Maranhão. Pois haja vista que alfabetizou milhares de trabalhadores rurais pelo Brasil, incluindo estes cursistas já citados, objetos deste estudo, a partir de suas trajetórias de vida e experiência ao longo do curso permitiram uma análise mais profunda dos valores desse movimento de Alfabetização.

É importante ressaltar a importância à História Local e Regional, entendida neste estudo como “[...] uma opção de recorte espacial do objeto estudado[.]” (Viscardi, 1997,

p.84). Apesar de não ser tão trabalhada, atualmente impulsionada com discurso como a Nova História, muitas pesquisas estão sendo direcionada a esta nova temática. Isso possibilita oportunidades para aquelas vozes que eram excluídas dos processos sociais e históricos. Esta abordagem, a partir de escalas locais e regionais são importantes por permitirem, dentre outras coisas, conhecer a origem, formação, identidade do lugar, suas culturas, situações econômicas e o convívio das pessoas em comunidades (Viscardi, 1997). Para Silva:

Por esta ótica, nota-se a importância do estudo da História Regional e Local no universo historiográfico, uma vez que ela aproxima o historiador do seu objeto. A narrativa deixa de ser fundamentada em temas distantes para se incorporar aos fenômenos históricos da região, conseqüentemente do município. Passa existir a construção de uma história plural, sem qualquer tipo de preconceito e os excluídos passam a ter voz, o passado se torna mais imediato. (Silva. S.d, p.02).

Ainda segundo esse autor, faz-se necessário trabalhar a região onde se encontra nosso objeto de estudo, afim de que que possa se tornar uma ponte para chegar até o seu objetivo, uma vez que aproxima o pesquisador e seu objeto a ser estudado, para melhor ser trabalhado.

A comunidade do Maranhão está localizada à margem esquerda do rio Uaicurapá, distante do município de Parintins por via fluvial, cerca de 30km, com uma população estimada em mais de 120 famílias. Foi instituída no dia 10 de maio de 1953 e sua sede comunitária encontra-se referida em um planalto com cerca de 16 metros de altura. O fluxo migratório pode ser interpretado de várias maneiras, cada migrante tem suas necessidades e trajetórias de vidas diferenciadas. Segundo Oliveira (2014) “O perfil migratório da região identifica fatos novos e antigos de deslocamentos de populações que fazem circular novas bases de produções[...]. Consta na memória local que recebeu este nome em homenagem a um migrante nordestino que veio para esta localidade em fins do século XIX, ainda no período da intensa exploração da borracha. Seu nome seria “Diogo” e residiu por muitos anos na comunidade até sua morte.

Era conhecido pela população local como Maranhense, é figura recorrente nas falas dos entrevistados. Segundo Dona Anidaltina Rodrigues, 71 anos. “*É, dizem que o Maranhão minha filha, ele ficou como Maranhão por causa do primeiro habitante daqui que era um Maranhense, era esse Maranhense, o nome dele era Diogo, um velhinho(...)*”⁵, primeiro habitante após a comunidade ser institucionalizada. Pois muitos viajantes, como seringueiros,

⁵ Anidaltina da Silva Rodrigues. Entrevista, realizada em 22 de abril 2017. Comunidade do Maranhão.

cabanos, indígenas entre outros, passaram pela comunidade e moraram por períodos pequenos, muitas deles tinham ali a comunidade como um lugar de refúgios.

É comum nas memórias vividas por tabelas, histórias contadas pelos avós. Uma das histórias recorrentes eram as que se referiam às histórias dos cabanos, indígenas, e dos seringueiros que conseguiam fugir dos sistemas de dependência econômica (aviamento) no período da borracha. Segundo Gomes e Queiróz (2003), no período da exportação da borracha na segunda metade do século XIX, era utilizada a mão-de-obra do mameluco, caboclo ou tapuio, esses grupos circulavam na região do Grão-Pará. Nessas memórias, são comuns referências a elementos, o mais famoso talvez seja “um pote de moedas”, que minha avó havia encontrado enterrado no fundo do quintal de nossa casa. “- *Era dos cabanos*”, dizia ela, informando que fugiam de suas localidades para livrar-se das agressões que sofriam dos governantes, fazendeiros ou até mesmo comerciantes, por isso, eles escondiam suas moedas para que não pudessem serem tomados. E pelo fato do tal “Diego” fixar-se na comunidade, os moradores tem ele como o primeiro habitante da comunidade do Maranhão, após as etnias indígenas que por ali já transitavam ancestralmente.

Seu Osmar Barroso, 76 anos, também relata a história da comunidade a partir dos seus conhecimentos, em muitos alimentados na memória social vivida por tabela na comunidade.

Ah! Sobre a história do Maranhão? Assim, aqui, o que a gente sabe é que aqui né. Os primeiros moradores, já a maioria já morreu(...), e o primeiro morador que eu sei foi um tal de Maranhense, que morreu aqui né e teve a origem de ficar Maranhão por que, ele morava aqui e o primeiro habitante, né? Então por isso que ficou Maranhão e assim, o, aqui no Maranhão era, é bastante, é visto em muitos lugares aqui como tem o Maranhão grande, tem o Maranhãozinho, tem o, a ponta daqui do Bom Futuro, tem aqui os lagos, e tem a aldeia aqui a comunidade, e tudo isso. (LOPES, Osmar Barroso. Aposentado. Entrevista realizada em 2017).

É importante frisar, assim como está citada nas falas do Senhor Osmar Barroso, a comunidade do Maranhão tem essas “divisões” no que diz respeito ao quadro comunitário. Ao lado direito da comunidade há uma pequena ilha habitada, com o nome de “Bom futuro”. Ao lado esquerdo tem a cabeceira de nome “Maranhãozinho”, onde há famílias morando, foram habitadas provavelmente no mesmo momento em que a comunidade do Maranhão. São esses acontecimentos vividos em sociedade guardados nas memórias, dificilmente compartilhada e frequentemente esquecidas por um tempo que se revelam em uma conversa. Especialmente quando há estímulos para que chegue ao tal determinado assunto, como por exemplo o

fizemos por meio das entrevistas de História Oral, momento em que, aliás, para Delgado (2003).

Os acontecimentos da vida em comunidade, e mesmo das experiências mais solitárias da vida humana, são sinais exteriores, são estímulos para o afloramento de lembranças e reminiscência, que constituem o estofo do tempo de memória: individual, local, comunitária, regional ou mesmo internacional (DELGADO 2003, p.19)

As lembranças apenas ficaram adormecidas no tempo e pelo tempo, muitas vezes, alguns detalhes de acontecimentos, sejam eles individuais ou coletivos não são lembrados de primeira em uma conversa ou em situações como essa, de entrevistas.

A comunidade tem como sua santa padroeira a Nossa Senhora das Graças, festejada no mês de maio. As memórias dão conta que a imagem da santa padroeira veio para a comunidade através do senhor Alberto Resende, que sofreu um acidente em seu barco, alcançando sua saúde em promessa trouxe a imagem e colocada na igreja que na época foi construída de barro e palhas. Há festejos ao Coração de Jesus, realizado no mês de outubro.

O Maranhão está localizado no rio Uaicurapá e os meios de acesso são pela estrada que a liga à sede do assentamento de Vila Amazônia” ou rio qual liga a sede do município. Tem como atividades econômicas a pesca, a agricultura e o extrativismo. Suas práticas socioculturais e religiosas são a festa de Nossa Senhora das Graças; festa do Sagrado coração de Jesus; boi-bumbá (marronzinho) e a pastorinha.

Foi considerada por muitos anos como pólo administrativo e religioso desta região do rio Uaicurapá, onde sempre realizava rezas e programações socioreligiosas, juntamente com as outras comunidades: Santo Antônio do rio tracajá, Sagrado Coração de Jesus-Colônia, Simeão, Terra Preta do Rio Mampurú, Marauarú, Nossa Senhora da Conceição do Ramos, Santa Terezinha do Badajóz e São Carlos. Consta que a cada domingo tais ações eram realizadas numa dessas comunidades.

Esse modelo socioreligioso foi levado para a área da educação, havendo também essa união entre as comunidades. As narrativas dão conta que se ajudavam bastante no que fosse possível como também na realização de trabalhos comunitários e festas e até no lazer havia companheirismo, realizavam campeonatos de futebol, onde todos participam em conjunto. Essas memórias das experiências religiosas são trazidas em narrativas como a de seu Claudemir:

(...), aqui o Maranhão como pólo, foi uma comunidade que ela tinha também boa vivência e convivência com várias comunidades como, é o, eu posso citar o Tracajá, ali o Sagrado Coração de Jesus, Colônia, Terra Preta, Simião e Mampurú, entendeu como é? E tempo de campeonato, vinha time de lá pra jogar com o Maranhão, Maranhão também dava jogador pra eles, era assim. (SILVA, Claudemir Farias da. Aposentado. Entrevista 22 de abril de 2017)

A comunidade do Maranhão apresenta forte influência do catolicismo desde sua institucionalização na década de 1950, mas nos últimos anos vem acolhendo outras experiências religiosas cristãs neopentecostais, um fenômeno bastante comum em toda a Amazônia.

É visível nas falas do Senhor Claudemir Farias, a boa convivência entre as demais comunidades, a participação conjunta nas práticas socioculturais e religiosas. Por estar próximo à confluência entre rios (Ramos, Uaicurapá, Tracajá, Mampurú.), Maranhão sempre recebeu as pessoas que ancoram em seu porto, sejam elas para fazer visitas ou para desenvolver algum tipo de trabalho social e religioso. Um desses trabalhos foi realizado pela igreja católica que desenvolveu um importantíssimo trabalho nas comunidades da área rural de Parintins, oferecendo oportunidades a cada pessoa dar continuidades aos estudos, ou até mesmo iniciá-los.

Estamos nos referindo ao curso Movimento de Educação de Base-MEB. No Maranhão, a maioria dos cursistas eram agricultores e tinham famílias para sustentar, trabalhavam durante o dia e estudavam a noite. A antiga Prelazia, hoje Diocese de Parintins, ofereceu o curso Movimento de Educação de base-MEB na comunidade do Maranhão na década de 70, fazendo convite também a outras comunidades do rio Uaicurapá e Mampurú através das emissoras da rádio pertencentes a Igreja católica. Os contextos de oferecimento de tais cursos foram marcados pelas existências de,

Escolas radiofônicas que funcionavam em grupos escolares ou escolas isoladas, salas de paróquias, sede de fazendas, barracões simples construídos para esse fim, sobretudo, nas casas dos próprios monitores, de acordo com a tradição das escolas de “professores leigos”, com instalações pobres, nada mais que mesa e bancos de madeira rústicas, arranjados no local ou feitos pelos próprios monitores e alunos (FÁVERO, 2006, p.57)

Na comunidade do Maranhão o programa do MEB teve o apoio de diversas maneiras, como por exemplo, na disponibilização do prédio escolar para o funcionamento das aulas, na

época o prédio utilizado foi a Escola Municipal “*Populorum Progresso*”. Anos depois, a mesma teve reformas e inclusive seu nome foi substituído e permanente até os dias atuais, com o nome de “Nossa Senhora das Graças”.

Não encontramos registros de imagens da antiga escola, as que provavelmente tem, são de arquivos pessoais. E há também ausência de documentos escritos que deem informações específicas sobre o período da realização do curso do MEB na comunidade do Maranhão. O que se tem está guardado somente nas memórias de cada uma pessoa que tiveram a oportunidade de cursar o MEB, mesmo com diversas dificuldades como evidenciam em seus relatos. E é justamente a partir dessas memórias, que o artigo será trabalhado. O curso adentrou a comunidade através da antiga Prelazia, hoje Diocese de Parintins em nome do Bispo Dom Arcângelo Cérqua. O curso contou com diversos apoios e utilizou-se da rádio para a transmissão das aulas para os interiores de Parintins.

2. DAS TRAJETÓRIAS DE VIDA E EXPERIÊNCIAS DE CURSISTAS.

Para essas pessoas que se dispuseram a conversar sobre suas vidas com outros, o espaço da entrevista é um lugar onde elas se reconhecem e são reconhecida como sujeitos sociais, que tem histórias a nos contar, que falam dos acontecimentos com autoridades de quem os vivenciou, mostrando-nos dimensões desse espaço público onde as relações sociais são constantemente reconstruídas. Fazem isto não como passado preservado, relatado hoje, mas como experiência reelaboradas e nas suas trajetórias de vida que as levam a olhar o passado a partir do que já enfrentaram e foram capazes de construir. (PACHECO, 2010.p.47)

3.1 DAS TRAJETÓRIAS DE VIDAS

Apresentaremos a trajetória de vida de cada um de três cursistas do MEB na comunidade do Maranhão- rio Uaicurapá. Focando suas vivências, dificuldades, as barreiras vencidas, e a construção de seus espaços na sociedade e sua chegada, suas experiências dentro do curso de Alfabetização. Acerca desse gênero da História Oral, vale destacar que:

A história oral de vida é o retrato oficial do depoente. Assim, a “verdade” está na versão oferecida pelo narrador, soberano para revelar ou ocultar casos, situações e pessoas. Pelo encaminhamento mais comum que se adota para a história oral de vida, a periodização da existência do entrevistado é um recurso importante, pois organiza a narrativa acima de fatos que serão considerados em contextos vivenciais subjetivos[...]. (MEIHY, 2002.p.132)

Cada entrevistado tem um papel muito importante para o trabalho, pois, são peças-chaves para se conhecer melhor os fatos presenciados sobre o programa de educação MEB. Segundo Reznik (Sd, p.02) “em cada depoimento, lembranças específicas, compartilhadas ou não [...]. As lembranças do passado são permeadas não apenas pelos valores individuais, como de resto todo e qualquer testemunho[...], mas também pela trajetória de vida do entrevistado [...]”.

A partir desse entendimento, é que as entrevistas serão apresentadas como vozes que muitas das vezes são ocultadas ou esquecidas pelo tempo, vozes indispensáveis na visualização do que foi esse movimento de alfabetização. Esses sujeitos fazem de suas memórias à oportunidade de apresentar sua trajetória de vida e experiências vividas dentro do MEB para a comunidade acadêmica como um meio de repassar seus conhecimentos às pessoas que não tiveram a oportunidade de ter o contato com o MEB. Mesmo em uma entrevista, o indivíduo se sente à vontade, sua trajetória de vida é compartilhada (ao entrevistador) com muita segurança e alegria, demonstrando que recordar é reviver (outra vez) os momentos vividos. De fato, isso é um troféu. Cada dificuldade vencida valeu a pena. Os entrevistados nos transmitem essa certeza e o orgulho de terem tido a oportunidade de estudarem no MEB.

Anidaltina da Silva Rodrigues, 71 anos; aposentada, moradora da comunidade do Maranhão desde seu nascimento. Seus pais e irmãos também viveram na mesma desde a infância, teve sete filhos, dois deles já são falecidos, viúva do senhor Thomas de Áquino, filha do senhor Antônio Sebastião da Silva e Tomásia Santos da Silva, com onze irmãos. Desde muito jovem ajudava seus pais na agricultura, e por muitos anos trabalhou nesse ramo, foi dona de casa e hoje vive de sua aposentadoria.

Minha filha, sempre eu trabalhei, como é? na agricultura, depois que eu deixei a gente trabalhou como pessoas domésticas né, dentro de casa, dentro do lar, com a família mesmo. Agora com esse negócio de Banco, de casa, eu nunca trabalhei isso aí, com o Banco. Depois que eu me aposentei, eu vivo da minha aposentadoria, né, é isso. (RODRIGUES, Anidaltina da Silva. Aposentada. Entrevista 22 de abril de 2017).

Católica, quando jovem foi catequista, pertenceu a equipe de jovens, tornou-se presidente do clube de mães, em dias atuais pertence ao Apostolado de Oração⁶. Casou-se ainda jovem, seu esposo já falecido também teve a oportunidade de cursar o MEB, mesmo com seus filhos pequenos, teve apoio do marido para dar continuidade nos estudos, apesar dessas dificuldades e com problemas de visão, Anidaltina concluiu seus estudos no MEB.

Minha filha desde a minha juventude eu trabalhava com minha mãe, né! Trabalhando, ajudando o velho na agricultura. A minha juventude, estudava ali na floresta com a Professora Josefina, de lá, a segunda Professora foi a Almira lá na cabeceira (Maranhãozinho), e a terceira já foi ai no tio Leocádio que foi a Arlete, Arlete, como é meu Deus? (Tentando lembrar), só sei que era a filha da tia Sila massau⁷. Minha filha, minha criação graças a Deus foi dentro duma religião que e a católica né, meus pais sempre me ensinaram a rezar, quando peguei minha juventude, eu era da equipe de jovens daqui da igreja e depois a gente estudou nessas outras escolas que vinham né, o MEB, MOBRAL, primeiro foi o MOBRAL, depois foi o MEB, e eu acredito assim que o meu estudo teia⁸, eu acho que ele chegou até lá pelo quarto ano que a gente dizia. Eu estudava por aqui mesmo minha filha, por essas escolas. (RODRIQUES, Anidaltina da Silva. Aposentada. Entrevista 22 de abril de 2017).

Sua primeira professora foi a Senhora Josefina, as aulas funcionavam em sua residência, próxima da comunidade. Estudou também com a professora Almira, onde lecionava também em sua residência na cabeceira conhecida como Maranhãozinho. Dona Anidaltina estudou até o quarto ano. *“(...) eu já tinha estudado antes. Depois do MEB parei, nunca mas estudei”*.

Daquela época pra cá minha filha, a gente estudava é como eu to dizendo, a primeira professora, professora minha, era lá na floresta né, ali onde a tia Deca morava, era a filha dela que era professora, a Josefina. Com ela eu estudei. Depois na época do José Esteves que era prefeito, ele criou uma escola lá na cabeceira, lá onde a Almira dava aula né. E tudo naquele tempo não é como agora que ta tudo já com a evolução né. Evoluiu muito. (RODRIQUES, Anidaltina da Silva. Aposentada. Entrevista 22 de abril de 2017).

Dona Anidaltina recebeu seu certificado do MEB, porém seu marido adoeceu e ambos viajaram até Manaus para seu marido fazer o tratamento, e quando retornaram da viagem,

⁶ Apostolado de Oração: congregação de apostoladas, devotas do Sagrado Coração de Jesus.

⁷ Sila Marçal foi uma das coordenadoras de pastorinhas na região de Parintins.

⁸ Teia: é o agrado da acadêmica Kérolen Ribeiro Marinho, como é mais conhecida na Comunidade do Maranhão.

seus documentos, incluindo o certificado de conclusão do curso do MEB havia sido destruídos pelos cupins.

Osmar Barroso Lopes, 76 anos; casado, pai de quatro filhos, que no momento moram em Parintins, é filho do senhor Cassiano Carmo Lopes e de dona Marina Barroso Lopes, todos moradores da comunidade do Maranhão, incluindo seus nove irmãos. Seu pai Cassiano Carmo Lopes, foi considerado curandeiro da comunidade, pois atendia as pessoas doentes somente com remédios de plantas medicinais, os chamados remédios caseiros. Especialmente por que nesse tempo não havia posto de saúde na comunidade e nem nas comunidades vizinhas, somente na sede do município de Parintins. O que dificultava o deslocamento dos doentes, eram os meios de transportes mais rápidos que não havia na comunidade, somente canoas a remos, e levava um certo tempo, ou seja, horas remando para chegar até Parintins. Nisso muitos arriscavam ir por terra, até a comunidade do Zé Açú acessando a Vila Amazônia ou comunidade da Nossa Senhora da Conceição do Ramos e de lá a sede de Parintins, onde levava mais tempo ainda para chegar. Alguns anos mais tarde foi construído um posto de saúde na sede comunitária do Maranhão, ainda existente em dias atuais, o pai do seu Osmar Barroso foi homenageado, pois, o posto de saúde recebeu o nome de Cassiano Carmo.

Como na saúde haviam essa precariedade, na área da educação também não era diferente. Tanto é que seu Osmar quando criança teve que morar em Parintins por conta dos estudos, cursando até o quarto ano em Parintins, com professora Nita Freitas, e veio terminar seus estudos na comunidade do Maranhão no Movimento de Educação de Base-MEB, com a monitora da turma na comunidade, dona Hiolanda. Na comunidade do Maranhão não havia escolas, e somente nas férias retornava à comunidade para visitar os pais e familiares. Naquele tempo as crianças eram educadas dentro das próprias famílias. A primeira professora da comunidade do Maranhão, Dona Cecí Bulcão ministrava aulas em sua própria residência.

Sobre a minha infância aqui foi, a gente começou a frequentar as aulas aqui no, na comunidade né, e aonde a Professora era uma Professora da, daí, meu Deus, como é o nome dela? (Tentando lembrar), a filha, a mulher do seu Laurinho, como já, a Almira, era que, era a primeira professora daqui, era e por aí a gente começou, depois a gente passou pra cá pra comunidade, era onde a Dona Chanduquinha, e mas a filha, do seu Azevedo né, Ivanilda ,é, idáí a gente começou ,quando foi depois aí eu passei pra Parintins ,eu foi pra Parintins, lá eu foi estuda lá, eu ia lá, estudava lá, passava o ano e vinha passar as férias aqui junto com meus pais ,que moravam aqui né, assim foi”. “(...) Eu estudei até lá, quarto ano lá em Parintins, a minha Professora era a dona Nita Freitas, é, lá no grupo escolar, de lá eu passei pra cá e vim já terminar os meus estudos aqui já no MEB e uma das professoras era a Hiolanda, né

e o Nilson da dona Nilce, esse que era os professores aqui no tempo do MEB. (LOPES, Osmar Barroso. Aposentado. Entrevista 22 de abril de 2017).

Quando adulto, tornou-se presidente da comunidade por duas vezes e coordenador do grupo de jovens. Religioso, Seu Osmar Barroso, buscava ajudar a comunidade no que fosse possível. Principalmente quando se tornou presidente, e vice-presidente também no ano de 1985, onde um dos trabalhos feitos por ele foi a fundação de uma cooperativa nesse período da década de 80, que consistia em plantar arroz, onde destinava-se a venda em Parintins. Seu Osmar tinha a profissão de agricultor. Segundo o mesmo:

Agora a minha vida religiosa foi toda aqui no Maranhão, eu comecei sendo mariano e depois eu passei a ser presidente da comunidade. Foi presidente duas vezes, e daí continuei e até hoje não abandonei a comunidade e continuo sendo frequentador. E a minha religião é a católica, poizer, e assim. Minha trajetória de vida? Minha trajetória de vida, foi assim como já citei né, trabalhar todo tempo. Aqui fiz muitos trabalhos, né, onde fundamos uma cooperativa aqui, iniciamos trabalhos aqui na colônia foi, nós entre 16 companheiros. Fizemo essa cooperativa aqui onde nós colhemos arroz, nós depositávamos ai no salão, no quadro, no grupo. Nos colhíamos arroz, colocávamos ai pra vender pra Parintins. Nesse tempo nos fazer esse trabalho na colônia e, é, aqui nós colhíamos, nós depositávamos ai. (LOPES, Osmar Barroso. Aposentado. Entrevista 22 de abril de 2017).

A abertura da estrada que liga Maranhão ao Santo Antônio do Tracajá, também foi outro trabalho realizado durante a coordenação do Senhor Osmar Barroso.

Agora trabalho, trabalho, foi uma coisa que nós fizemos aqui quando era presidente, foi a primeira, essa estrada que foi daqui do Maranhão até no Tracajá, foi na minha coordenação, quando o seu Otavio Guedes, veio aqui, foi ele que fiz o, era o topógrafo e eu coordenava tudinho, tinha vinte pessoas que trabalhavam, diária aí, e o seu Benedito Azedo era o Prefeito de Parintins, e eles trabalhavam na estrada fazendo a estrada e quando era dia de sábado, ele vinha fazer o pagamento aqui nesse grupo, né. E assim continuou até terminar o trabalho da estrada e eu permaneci aqui e foi fazendo os trabalhos aqui, onde tinha é, trabalho do MEB, né, que veio com o Manoel Aporcino e a Conceição Dutra, a Estelina e a Cleide Tenório⁹, que era, todos esses passaram por aqui. (LOPES, Osmar Barroso. Aposentado. Entrevista 22 de abril de 2017).

Seu Osmar teve a agricultura como um meio de sobrevivência, pois a vida no campo é difícil, não há possibilidades de empregos, e nesse tempo, as oportunidades e condições de estudar eram pouquíssimas, a comunidade não oferecia esses recursos. Segundo o entrevistado Osmar Barroso: “(...)Eu trabalhei na agricultura de mandioca, plantava tudo.

⁹ Coordenadores do Movimento de Educação de Base em Parintins.

Era mandioca, era cana, era cará, era toda espécie né, toda espécie fazia.”¹⁰. Para sustentar sua família, teve que aderir a profissão de agricultor por muitos anos, até o momento em que se aposentou. Seu Osmar não foi o único a passar por isso, geralmente as pessoas da comunidade do Maranhão eram obrigadas a trabalhar nessa produção, porque não havia outros meios para se ter o sustento familiar, outros, no entanto, seguiam a profissão de pescador, onde ainda hoje há muitas famílias que trabalham com a pesca, agricultura e extrativismo.

Seu **Claudemir Farias da Silva** 68 anos, trabalhador aposentado, nasceu na cidade de Icorací, distrito que integra a região metropolitana Belém do Pará, morador há 47 anos da comunidade do Maranhão. Filho do senhor Hidelbrando Antônio da Silva e de Dona Luíza de Nazaré Ferreira da Silva, tem três irmãos. Casado, pai de oito filhos, sendo que um casal de filhos é falecido. Começou a trabalhar desde muito pequeno para ajudar seus pais e tendo que estudar ao mesmo tempo.

Relata que nunca teve infância, pelo fato de ter que trabalhar muito cedo para ajudar a família, tendo que aprender diversas profissões para o sustento. No decorrer de sua trajetória de vida, tendo que morar em vários lugares, inclusive em Parintins. Foi vendedor de lenha para a população e para outros tipos de negócios, o importante era conseguir dinheiro para seu sustento e de sua família, e em sua cidade trabalhou como carregador em caçambas, foi sorveteiro, vendedor de doces, tapioca, cuscuz, entre outros produtos. Ao descrever sua trajetória como trabalhador, mostra-se bastante confiante e orgulhoso, afirmando que nunca teve vergonha de trabalhar em qualquer tipo de trabalho, pois essas profissões que teve, todas são profissões dignas, e isso é um exemplo e uma lição de vida.

Eu posso dizer pra vocês, que nas épocas que nos residia em Icorací, quando eu era garoto, a minha infância, nossa infância né, naquele tempo, tanto como é com as pessoas, uma infância boa num ponto e meia sofrida noutra, por que a gente, eu por exemplo, as vezes eu digo, eu nunca tive infância, até porque, eu fui criado assim, foi na base do trabalho né, trabalho, de ajuda papai e o que eu ganhava dava tudo pros meus pais, outro meu irmão também e a gente tinha como um ponto mas coisa na vida, que eu acho totalmente diferente hoje, sobre a gente filho com nossos pais, porque tinha respeito por nossos pais, com todo mundo, com todo mundo, antes não se chamava essas pornografia que se ver hoje em dia, falar perto dos adultos e o respeito pelo pai, o que o pai mandasse fazer era aquilo, o que a mãe mandasse fazer era aquilo, se chegasse uma pessoa aqui e nos tivesse dando confiança, era paulada, tu ia apanhar mesmo, era cipó títica, negócio era rígido, rígido mesmo. Mais todos, fiquei com o papai até a idade de 17 anos, 17 eu fui numa viagem a destino ao rio [Rio de Janeiro], é, onde eu morei dois anos, trabalhei, vim de laaaa.... fiquei só

¹⁰ Osmar Barroso Lopes, entrevista realizada em 22 de Abril de 2017. Comunidade do Maranhão.

meus irmãos com o papai, o mais velho se casou, eu fiquei solteiro, cheguei no Pará de volta, demoro arrumei minha mulher e vim pra cá e aí fiquei assim na coisa, virei agricultor mesmo, trabalhei no ramo de roça, eu não tenho vergonha de dizer não, que toda a minha vida, o teia e você aí [apontando para Suená], não tenho vergonha de dizer não, até por que hoje em dia, hoje em dia no mundo moderna, que se chama é proibido até um menino vender um doce na rua, naquela época não, eu vendia doce, tapiquinha, era cuscuz e trabalhei de, na caçamba, não de motorista, que eu não tinha profissão não, fui essas coisas, fui soveteiro, essas coisa todinha aí, pra ajudar nosso pai . Vim pra cá e abracei essa profissão de agricultor, no começo era vender lenha em Parintins, não tinha de onde tirar mesmo, tinha que trabalhar para manter minha família e fazer aquilo que eu lá não tive a oportunidade de fazer, até porque, eu estudava, estudei, vou dizer o nome dos grupos[escolas]; Artur Porto, estudei quatro anos, nunca passei, quatro anos de porrada na minha costa.[risos], chegava lá, cadê o boletim? ta aqui. Tu passou? –passei. Outro meu irmão, acho que ele era mais sabido do que nós, ele passava. Tu passou? Passei, dava meu boletim pra mamãe, era só nota vermelha, tira a roupa, pegava a bage de açaí na minha costa, pintava a gente, pintava mesmo, na bunda, na costa, apanhava e por cima, a gente fazia venda, a gente saía cinco e meia da manhã, dia de semana, chegava nove da manhã, tomar banho, trocar roupa e voar pro colégio, pro grupo, saía uma hora, horário daqui, comer, voltar, chegava sete e meia da noite, eu não tinha condição de aprender, vim pra cá, aí veio o, passei três anos ou quatro anos[...]. (SILVA, Claudemir Farias da. Aposentado. Entrevista realizada em 22 de Abril de 2017).

Comparando as gerações da atualidade com as gerações passadas, o entrevistado Claudemir aborda a questão do respeito dentro das famílias, afirmando que a obediência e o respeito era indispensável perante os pais, caso contrário seriam punidos severamente. Hoje afirma que tudo mudou, que é raro dentro das famílias ainda haver esse tipo de convivência e respeito. Trabalhar e estudar ao mesmo tempo não dá resultados positivos, pois seu Claudemir Farias passou por essas experiências na adolescência e segundo ele foi prejudicado. É importante ressaltar que as histórias de vida descrita por cada um dos sujeitos, é apresentada em forma de sequência, mostrando-a trajetória desde a infância até a fase adulta. Segundo Meihy. (2002.p.131).

Porque a história oral de vida, ao trabalhar com a experiência, sugere entradas para o entendimento do espaço pessoal subjetivo, supõe-se que haja também um roteiro menos factual e mais vinculado a outras alternativas – que salientem, por exemplo, as narrativas pessoais feitas por meio de impressões, sentimentos, sonhos. O que significa que não se precisa necessariamente seguir um caminho de obediência estrita à continuidade material dos fatos.

Contudo, essas dinâmicas são apresentadas com sentimentos, sonhos, dificuldades e muito trabalho por parte de cada entrevistado. Como foi explanado por seu Claudemir, sua trajetória foi marcada por trabalhos e dificuldades, obstáculos estes que roubaram o seu tempo e sua vida escolar.

3.2 DAS EXPERIÊNCIAS DOS CURSISTAS

Explorando passagens da vida de cada um dos entrevistados, traz maneiras como esses trabalhadores vão se formando e desenvolvendo suas habilidades, através de cursos e na experiência diária do trabalho; como vão se identificando e se reconhecendo nesse saber fazer, com orgulho e dignidade; recupera, também, como, fazer escolhas nessa experiência(...)foi lhes possibilitando adquirir bens, propiciar estudo aos filhos e, sobretudo, ter orgulho do que são e do que fazem. (KHOURY, 2001.p.90).

Nas narrativas de cada um dos entrevistados pode-se observar que, o trabalho diário e o cansaço, não os venceram. A força de vontade e as esperanças desses indivíduos de quererem mudar suas vidas, foi muito maior. Além do conhecimento, esses indivíduos também adquiriram experiências, pois o Movimento de Educação de Base –MEB ofertou aos cursistas diversos cursos profissionalizantes. Para Fávero (2006, p.21) “As origens do MEB têm sido localizadas invariavelmente nas ‘experiências vitoriosas’ de educação pelo rádio realizadas pelos bispos brasileiros[...]” (Fávero, 2006.p.21)

É importante ressaltar que essa proposta de curso para a população rural foi o ponto chave para a educação formal de muitas comunidades. Muitas pessoas, principalmente os adultos que haviam interrompidos seus estudos por diversos motivos, dentre os quais, trabalhar para sustentar a família. Os cursistas viram seus sonhos e esperanças renascerem outra vez. Foi de fato uma vitória para essas pessoas prosseguirem os estudos e chegar até o fim. O MEB se vê nos cursistas e os cursistas se vêem no MEB, pois, os dois em conjunto formaram uma só família. As experiências adquiridas foram vitoriosas e repassadas de geração em geração, como demonstram as narrativas.

Muitos dos cursistas usaram essas experiências dentro do curso para auxiliar na educação formal de seus filhos e netos. Contribuindo assim na formação dos cursistas não somente na alfabetização dos mesmos, mas também os capacitou, dando a oportunidade de aprenderem a fazer diversos tipos de produtos, para terem uma renda extra, como por exemplo: corte e costura, artesanato, crochê, utensílios de barros e teçúmes de palha. Sobre isso, dona Anidaltina Rodrigues relata:

(...), quando era fim de semana, já tinha aquela escola de aprendizagem, assim de fazer artesanato né, que a Naiê¹¹ dava escola pra gente aqui de negócio. É, e quando era fim de semana, a gente vinha já pra aprender outras coisas. Era assim minha filha, loja de barro que ela fazia, a gente fazia torrador, frigideira, assadeira, tudo a

¹¹ Dona Naiê fazia parte do grupo de monitores/coordenadores do Movimento de Educação de Base de Parintins.

gente fazia e ela ensinava pra gente, e outras coisas mais de teçúme e uma né? – Quem tecia o crochê, tecia o crochê! – Quem tecia as peneiras, o tupê, tipiti, a peneira... Não tinha merenda nesse tempo, era direto, mas nós tinha sim a nossa folga, assim era brincadeira né, hoje que a gente não vê mas nessas escolas, brincadeira né da gente, sair, brincar de roda é tipo quadrilha, a gente brincava, e era assim. (RODRIGUES, Anidaltina da Silva. Aposentada. Entrevista 22 de abril de 2017).

A equipe do MEB organizava uma feira para socialização em Parintins, na praça da Catedral de Nossa Senhora do Carmo, ocasião em que os cursistas das comunidades levavam seus trabalhos produzidos, com o intuito de apresentarem para os demais, advindos de outras partes do município. Ao que analisamos, havia nessa feira uma troca de conhecimento, cultura, diálogo e saberes, entre os cursistas das regiões do interior de Parintins. Sobre esses saberes práticos, para além da leitura e escrita, o Senhor Osmar Barroso:

(...), é, aqui né parecia, veio muitas equipes do MEB, é, que, e um dos, dos que trabalhou mesmo aqui foi o Manoel Aporcino. O Manoel Aporcino trabalhou bastante aqui na comunidade, foi o que mais demorou e ensinou muitas coisas e fiz cursos aqui, é de corte e costura, é, arte e culinária, tudo isso foi, é de, fazia cesta, peneira, tudinho, e aonde ele ordenou o grupo dos alunos, a gente fazia uma feira lá em Parintins, aonde cada comunidade tinha que levar os seus produtos, aquilo que foi feito pelos próprios alunos, pela escola, e isso foi feito lá em Parintins, lá na praça da catedral e foi feito isso lá, fizeram as barracas lá, tudinho na praça da catedral e nós fizemos a feira e cada comunidade que, que estudava no MEB apresentava o seu tipo de cultura lá, artesanato, então tudo isso nós fizemos no MEB. (BARROSO, Osmar Lopes. Aposentado. Entrevista 22 de Abril de 2017).

Também o seu Osmar Barroso descreve sua experiência em sala de aula, de como ocorriam as aulas, quais os métodos e matérias utilizados, as estratégias dos professores, no sentido de os auxiliarem com qualidade:

Bom! Os professores no, o que eles tinham pra passar pra gente era o aprendizado, não, não somente a leitura, a conta, como outros tipos de trabalho que eles passavam pra gente, e era através do rádio que era transmitido pra pros professores, é, o que eles, o que eles, o que eles escutavam, aí eles passavam pra nós, era tipo a aula do tecnológico, é, assim desse tipo, e o que eles, a aula do MEB, por exemplo, aí eles anotavam tudinho ,aí passavam, na sala de aula pros alunos, então aí eles explicavam aquele tipo de aula ,né, todinho . E, assim que era os conteúdos das aulas. Tinha livros, caderno, tudinho, tudinho, tinha tudo isso. (BARROSO, Osmar Lopes. Aposentado. Entrevista 22 de Abril de 2017).

Já o Senhor Claudemir Farias expõe as dificuldades que ele e os demais colegas tinham para se deslocarem até o curso, como por exemplo: a falta de energia, pois o curso

funcionava a noite e ele e alguns colegas moravam em localidades distantes e a falta de transporte também se tornava um obstáculo.

Olha, olha como eu te falei, o curso era supletivo, é, eu posso dizer que a aula era uma aula como essa mesmo nossa, uma aula normal mesmo(...), e a gente era, a entrada era das sete, sete horas da noite e até dez horas da noite, até as dez horas, e a gente, o intervalo que a gente tinha era só pra fazer xixi, é todas de segunda a sexta, sábado não, de segunda à sexta como o ensino do município, mas era boa né? Era bem, mas era muito sacrifício, tendo da luz mesmo que era porônga, aquela coisa, aí, não tinha motor de luz, não tinha luz, a gente ia estudar, botava a porônga, a gente acendia lá com a preto a gente fazia assim ó (risos), dedo preto(risos) (SILVA, Claudemir Farias da. Aposentado. Entrevista 22 abril de 2017).

Apesar das dificuldades enfrentadas, seu Claudemir hoje brinca com as situações e sorrir das dificuldades que passou, pois encontrava ali, dentro do seu curso, momentos de alegria e oportunidades. O MEB também disponibilizava alguns materiais para as comunidades. Segundo Fávero (2006, p.57). “o MEB fornecia o quadro de giz, o rádio cativo (a pilha e sintonizado apenas na estação que transmitia as aulas e os programas educativos) e um lampião de querosene. Não raro as escolas dispunham somente de simples lamparinas. As cartilhas e os livros de leituras também eram providenciados pelo MEB”. Esses materiais de emergências eram essenciais para o desenvolvimento do trabalho nas comunidades.

3.3 DE COMO ACESSOU O MEB?

O MEB, veio para as comunidades dos interiores por intermédio da Diocese. As narrativas de Claudemir Farias, Osmar Barroso e Dona Anidaltina Rodrigues, permitem tecer uma perspectiva da trajetória do MEB no Maranhão e como foi que este curso chegou até eles.

As aulas eram ministradas durante a noite das 19 horas às 22 horas. Segundo Fávero (2006, p.57) “[...] As emissões eram feitas no começo da noite, funcionando as escolas em horário adequado à população rural”. Principalmente para dar a oportunidade aos cursistas trabalharem de dia, já que os mesmo trabalhavam no cultivos da agricultura, nas produções do beiju, da farinha e da plantação do guaraná, e tinham famílias para sustentar, nos finais de semana esses produtos eram levadas até o município de Parintins para a venda dos mesmos.

Dona Anidaltina já era casada quando a notícia do curso do MEB chegou até sua comunidade, embora com as dificuldades, problemas de saúde, pois a aposentada teve catarata nos olhos e isso dificultava seus estudos e ainda com os filhos pequenos para cuidar, e os

trabalhos de casa e da agricultura, ela não pensou duas vezes e pegou pra si aquela oportunidade de estudar novamente, com o apoio do marido cursou o MEB.

Eu já era casada quando o MEB surgiu pra cá, eu trabalhava porque davam oportunidade de trabalhar de dia e estudava de noite né, o estudo do MEB era de noite e a gente ia pra lá pra escola né, aprendia e eu agradeço muito também que me desenvolveu muito né, e eu peguei um marido teia (Kérolen) que ele foi um marido e pai, por que ele me ensinou muito como a gente viver a vida da gente e por isso eu digo minha filha, que graças a Deus é, o que sempre me, como é meu Deus? Dificultava pra mim as coisas, devido minha vista né, eu não tinha boa visão não, devido a catarata que eu soffro né, e só enxergo bem só mesmo pra mim, que leio lá em casa, mas, a minha atividade sempre foi essa”. [...] O MEB se espalhou nessas comunidades, teia devido a Diocese, que ele veio por intermédio da Diocese né, para as comunidades, essa escola, é, desenvolveu muita gente né, Deus o livre[...]. (RODRIGUES, Anidaltina da Silva. Aposentada. Entrevista 22 de Abril de 2017).

A equipe do Movimento de Educação de Base-MEB, viajou pelas comunidades em busca de pessoas que queriam a oportunidade de terminar os estudos oferecendo o curso aos comunitário das localidades, como por exemplo na comunidade do Maranhão, com o curso aceito. No entanto, houve a escolha dos professores e o cadastro dos futuros cursistas do MEB, como esta explicito no depoimento do Senhor Osmar Barroso que na época já era agricultor e residia na comunidade.

O MEB entrou aqui no, na minha vida ou no Maranhão (tossindo) pelo, por meio de uma equipe. Por que ela era dominada pela Diocese. Era Dona Raimunda Ribeiro que era essa diretora da rádio, era, ela foi uma das primeiras coordenadoras do MEB, e eram ligados o MEB e a Prelazia e através da Prelazia, assim como os Padres andavam nas comunidades, aí eles ordenavam esses coordenadores a andar nas suas comunidades, aqui por exemplo, pro Uaicurapá, aí a primeira comunidade era o Maranhão e daí foi se expandindo, aí foram até na cabeceira do Uaicurapá, trabalhando. Tinha as equipes, era todo mês, é esse mês vem o pessoal do MEB!, e aí, vai dar assistência ,aí fizeram aqui a primeira escola, quer dizer (consertando) as primeiras aulas que tive aqui pelo MEB, é, foi escolhido as professoras ,é, pra fazer ,pra poder ,pra fazer o estudo e depois de a gente escolher a professora, aí foi que ela veio pra cá e fiz o cadastro dos alunos que queriam estudar no MEB né, e arrumou um bocado de aluno, aonde se formou uma porção de, de um desses foi eu que me formei aqui pelo MEB né, é a Lola né também se formou, é a, a Dona Nida ,o Thomás, é, e quando foi a formatura, nós fomos pra Parintins, foi dado lá em Parintins, né, a formatura do MEB, foi lá em Parintins que a gente arrecebeu o canudo, e foi assim que foi o MEB, trabalhando muitas vezes. (LOPES, Osmar Barroso. Aposentado. Entrevista 22 de abril de 2017).

Seu Claudemir Farias, recebeu a notícia do curso do MEB pelo rádio, pois nesse período, morava um pouco distante da comunidade, em uma cabeceira próxima e já estava, no entanto, desiludido por contas das dificuldades que passara em sua cidade onde nasceu.

(...), sim, eu morava aqui onde pertence, aonde o bicudo mora, onde pertence a comunidade do Maranhão, só que eu não morava aqui no centro da comunidade, é, então, eu sempre fui um camarada que eu pensava alto, o bom é que sim, como eu pensava, eu fui ficando desiludido, desiludido mesmo por que, sei lá, eu via a situação difícil. Eu trabalhava na roça, já era agricultor, e, aí eu tinha, eu comprei um rádio pequeno, eu escutava de noite, que era Aparecida Negreiros e o Manoel Aporcino que era o professor, Pedro Batista acho que era professor e o único coordenador do MEB Manoel Aporcino, depois veio a Socorro ,a Socorro eu escutava àquela hora ,foi um, um, ouvir dizer vai ter o MEB aqui, tá né, eu quero estudar, como é isso? – supretismo, agora vai saber o que era supretismo que eu não sabia, lá e vim fazer isso, entendeu? Aí estou, foi o primeiro mês estudar, aí muita gente estudou o MEB, mas como eu te falei, eu tornei repetir, pela distância, eu morava, era muito sacrifício, aí eu falhava muito aula, falhava, mas segundo professora disse, se eu não falhasse muito eu passava, porque eu era muito inteligente. (SILVA, Claudemir Farias da. Aposentado. Entrevista 22 abril de 2017).

Seu Claudemir, em depoimento relata que tinha um sonho na vida, porém não teve tanto apoio e incentivos nos seus estudos.

Quando eu era moleque, eu era muito burro. Depois que eu amadureci, eu fiquei, Deus abriu a minha memória, acho também que faltou um apoio da minha mãe, meu pai apoiar nós, eu achava que mamãe, eu digo, eu amo minha mãe, tenho ela ainda viva, graças, até minha mãe, mas eu acho que, eu já em família aqui, eu acho que sempre tem um filho preferido, acho que o da mamãe era o mais velho, porque tudo ela fazia põe ele e por mim não. Nisso ela não tinha paciência, não procurava saber o que eu queria, naquele tempo minha vontade era ser, fazer aquele curso de desenho, arque, arquitetura que chamam, esse negócio aí e eu não conseguir nada, até hoje eu me lembro de noite. O único que não tem profissão sou eu, eu não tenho, fiquei sem profissão na vida, tem, porque eu sei fazer farinha, na agricultura várias coisas. (SILVA, Claudemir Farias da. Aposentado. Entrevista 22 abril de 2017).

Seu Claudemir lamenta-se por não ter tido a oportunidade de realizar seus objetivos na vida.

3.4 SOBRE AS VIVÊNCIAS NO MEB?

As análises das três trajetórias indicam que as vivências entre os envolvidos no MEB: coordenadores, monitores e cursistas era de respeito e amizade entre eles é explícito nos depoimentos, havia o momento de brincadeiras, mas o respeito era essencial. Os monitores contribuíam no que fosse possível em relação as aulas, os mesmos eram escolhidos na própria comunidade, afinal os monitores era que tinham contatos direto com os cursistas. Os monitores é que repassavam as aulas e explicavam as apostilas.

O monitor era considerado elemento essencial no sistema radioeducativo, sendo responsável pela base da recepção organizada. Era um elemento da própria comunidade no qual se localizava a escola radiofônica que se dispunha a prestar um auxílio gratuito a essa comunidade (FÁVERO, 2006 p.135.).

Ainda segundo Fávero (2006, p.57) os “monitores da comunidade que desenvolviam um trabalho voluntário, de instalação da escola, matrículas dos alunos, controle de sua frequência, auxílio aos alunos para o aproveitamento das aulas radiofonizadas, aplicação das provas, assim como o envio de relatórios mensais sobre o andamento da escola”. Esse mesmo autor nos informa sobre as atividades exercidas pelos monitores que tinham diversas funções:

Equipe local (ou central), constituída ao lado de uma emissora, em geral de propriedade da igreja e sob responsabilidade do bispo diocesano. Compreendia uma coordenação, pessoas encarregadas do apoio administrativo, supervisores, que responsabilizavam pela escolha e treinamento dos monitores e pelo funcionamento das escolas; professores- locutores, que produziam e emitiam as aulas e outros programas educativos de responsabilidade do MEB. Os elementos dessa equipe, indicados pelos bispos, antes do início do trabalho eram treinados e selecionados pela equipe técnica Nacional, em treinamento intensivo com duração média de doze dias (FÁVERO, 2006.p.56-57)

A relação conjunta de todos os membros que faziam parte do MEB era das melhores possíveis. O MEB, tinha sua canção onde os cursistas cantavam com seus animadores. Segundo Dona Anidaltina Rodrigues: *“Tinha a canção dele que nos cantava (risos). Pra vê como é que pode, o MEB vim lá da cidade, dá o curso lá no interior pra alfabetizar(...) e a gente cantava, não lembro tudo, e tudo era assim”*¹².

A coordenação do MEB tinha meio de transporte próprio disponível para a equipe fazer as visitas nas comunidades. Segundo Fávero (p.130) a “supervisão, que consistia no contato direto e, quando possível, periódico da equipe local com os monitores, na escola radiofônica ou na sede dos municípios, além das visitas dos monitores à sede do MEB [...]” Acerca desse processo, dona Anidaltina acrescenta que:

Eles vinham de motor do MEB né. O MEB tinha o motor deles mesmo. Eles vinham de lá, os professores de motor, ensinar a gente. Mas era animado naquele tempo. A gente estudava com aquela satisfação de aprender. Tinha como agora mesmo, era só uma comunidade, era tudo por terra, alguém que vinha da outra comunidade, eles

¹² Anidaltina da Silva Rodrigues. Entrevista realizada em 22 de abril de 2017. Comunidade do Maranhão.

vinham de canoa. (RODRIGUES, Anidaltina da Silva. Aposentada. Entrevista 22 de abril de 2017).

Seu Osmar Barroso também afirma essa amizade e respeito entre os cursistas, monitores e coordenadores do MEB. Os cursistas eram moradores das comunidades ou moravam próximos, desse modo todos se conheciam, os monitores da turma eram escolhidos na própria comunidade, e os coordenadores logo se entrosaram aos demais, onde tudo virou um círculo de amizade. Nas festas da comunidade do Maranhão, os coordenadores do MEB Parintins participavam. Seu Claudemir assim afirma: “(...) *eles dançavam com a gente, eles se animavam e foi e davam aula prática pra gente e de grupo e era bacana, era bom, eu gostava daqui, era bacana as coisas, gente!*”¹³.

Os monitores faziam seu papel profissionalmente. Chamavam-se para conversa aqueles alunos que faltavam ou aqueles que não faziam as atividades, para isso não havia a necessidade de dar castigo, apenas uma conversa resolveria. Saudosamente, seu Claudemir Farias lembra que:

(...)Era bacana porque a nossa professora era a Hiolanda, mas ela na época era solteira. Eu dizia: -rapaz, porque ela era nova, bora casar? Mas e mas se tinha um respeito por ela. Ela brincava com agente, nós tinha um respeito com ela. É, como eu te falo, quando a gente ver meninos não respeita mas o professor, mas quando é nova, bonitinha, começa com aquele xaveco é não quer respeitar. E antes não, a gente tinha aquele cuidado e respeito com ela, que era a nossa mestra, entende? Era a nossa mestra. (...)ela chamava a gente, ela era é, vinha avaliar sei lá, não porque tinha a aula do MEB mesmo mas, ela tinha aquela, era apostila pra explicar a aula pra gente. Então aquilo. Ela passava trabalho, ela fazia, como é que se diz, chamamos é (tentando lembrar), era corrigir certo, chamava se tivesse errado, e ia fazer de novo e eu fazia e assim e graças a ela nunca deixou a gente de castigo, nunca ficamos de castigo, porque eu fiquei muito quando eu era pequeno(...). (SILVA, Claudemir Farias da. Aposentado. Entrevista 22 de abril de 2017).

A Educação no período da Ditadura Civil Militar sofreu bastante, muitos movimentos sociais educacionais interromperam suas ações na sociedade por serem impedidos de serem realizados.

Ao longo desse trabalho, buscamos indicar os desafios e possibilidades colocados para a Educação Popular no contexto atual da participação sociopolítica, tarefa que se realizou por meio da análise dos processos participativos que vêm se constituindo na sociedade civil, com mudanças e impactos para os movimentos sociais que se colocam como atores nesse cenário. (Saviani, 2008, p.373)

O MEB resistiu à ditadura civil militar,

¹³ Claudemir Farias da Silva. Entrevista realizada 22 de abril. Comunidade do Maranhão.

Trata-se, por tanto, de um desafio e uma possibilidade para a educação popular, no sentido de buscar novos campos de atuação e, dessa forma, dar continuidade a sua contribuição pedagógica e política para a construção de uma sociedade democrática, por meio das formações e capacitação dos sujeitos populares [...]. (Saviani, 2008, p. 374.)

O MEB era um curso que funcionava como qualquer outra instituição educacional, apesar da maioria serem bem maiores de idade, as regras eram as mesmas.

3.5 SOBRE O SIGNIFICADO DOS ESTUDOS NO MEB

Toda memória é uma seleção individual, que se reporta à experiência e à significação de quem se lembra. Ela é elaborada a partir de vivências, valores, concepções, compartimentos compartilhados, isto é, a experiência individual é sempre remetida à convivência com outros, sejam quais forem esses “espaços” de sociabilidade. Toda experiência leva a marca de uma geração, do impacto que os acontecimentos, ideias e valores incidiram sobre aquele grupo determinado (...) (REZNIK Sd, p.6)

O MEB não se restringiu a ensinar a ler e escrever, foi mais além, preocupando-se com a consciência crítica e a politização dos trabalhadores rurais, para contribuir na promoção humana e superar as desigualdades sociais presentes na zona rural brasileira. (TAVARES, 2018). Contribuiu, portanto, nos estudos dos cursistas, não somente nas questões disciplinares, mas também na formação cidadã dos mesmos, dando lições de vida e apoio para continuar seguindo em frente. (...) Para Paulo Freire a educação surgia como um instrumento de crucial importância para promover a passagem de consciência popular do nível transitivo – ingênuo para o nível transitivo – crítico, evitando-se a sua queda na consciência fanática. É em vista desse objetivo que foi criado um método de alfabetização ativo, dialogal, crítico e “criticizador”. (Saviani, 2008. P.335)

As experiências em grupo tiveram um significado diferente para cada indivíduo, pois as vivências são lembradas de formas diferentes entre cada um dos cursistas. Dona Anidaltina resume o MEB em uma só palavra “*desenvolvimento*”. Continua sua narrativa pontuando e esclarece os significados desse curso em sua trajetória de vida:

Mas me ajudou muito minha filha, não só eu mais os outros colegas né que passaram por eles e acho todos ficaram assim né, desenvolvido, assim, e era uma coisa que desenvolvia a gente, ajudou bastante, Deus o livre... Assim como eu to dizendo, o meu estudo primeiro foi lá na floresta, junto com a Sissi, eu estudei parece até o quarto ano lá com ela, depois já teve essas outras escolas, já veio o MEB, nos

estudemos com o Luís. (RODRIGUES, Anidaltina da Silva. Aposentada. Entrevista 22 de abril 2017).

Portanto, o MEB fez a diferença nas vida de muitas pessoas, principalmente na vida desses moradores como seu Claudemir Farias, Anidaltina Rodrigues e seu Osmar Barroso. Isso fica explícito nas suas falas, seu Osmar Barroso, por exemplo, só tem a agradecer por ter adquirido muitos conhecimentos no MEB.

(...), só posso, só tenho a agradecer o MEB que abriu os olhos diz o japonês, né? (Risos) a gente ficou mesmo clariando depois desses estudos que teve pelo MEB, abriu a mente e nós aprendemos coisas boas e sobre, sobre negócio de prestação de conta, foi o que o Manoel Aporcino fez muito aqui e a gente, a gente fazia coletivo pra fazer como prestar conta numa comunidade, uma diretoria, como prestava conta aqui na comunidade, ele dizia tudinho como era pra gente fazer, só não fazia aquele que não quisesse, né. Mas aquele que queria seguir os conselhos dele, fazia tudinho direitinho né, as entradas, as saídas, e, aí o quí se por exemplo se fazia no mês, aí o que, o que sobrava passava para o próximo mês, tudinho isso no caderno ia fazendo, aí a gente e eu aprendi essas coisas assim que eu não sabia, mais eu aprendi, graças a Deus, hoje eu agradeço o MEB por eu ter aprendido muitas coisas, pelo, pelo o que ele fez com a gente. (LOPES, Osmar Barroso. Aposentado. Entrevista 22 de abril 2017).

O MEB deixou saudade, as dinâmicas em sala de aula, as dificuldades ultrapassadas, a companhia dos colegas, as brincadeiras, as diversões, os aprendizados, as lições de vidas que serão levadas para o resto da vida, ficaram somente guardados nas memórias de cada cursista. Seu Claudemir gostaria que esse curso jamais chegasse ao fim. Infelizmente na comunidade do Maranhão, o MEB chegou ao fim, isso na década de 90, deixando apenas momentos bons vividos nas lembranças, pois o curso esteve presente na vida de cada um dos cursistas, e mudou suas vidas, formando milhares de pessoas do interior, onde muitos deles nunca haviam tido a oportunidade de estudar. Seu Claudemir Farias relata horas antes de iniciarmos a entrevista, frase esta anotada em meu caderno de campo: O MEB “foi bom sim pra gente que era muito burro (...)”¹⁴. Seu Claudemir se achava incapaz pelo fato de não conseguir passar em suas aulas.

Olha eu sempre digo, posso falar pra ti, pra mim o MEB me deixou saudade, até porque pra mim, além de aprender, me fazia alegre, tinha amigos né! Aquelas horas que a gente tava pensando: temos que pescar, poxa meu açúcar ta acabando, tava lá brincando, me divertindo, aprendendo e eu me lembro até hoje do MEB, eu sinto muito não ter guardado um livro do MEB como eu guardei do, acho que do Futuro

¹⁴ Claudemir Farias da Silva. Entrevista realizada em 22 de abril de 2017. Comunidade do Maranhão.

ainda tenho, mas o MEB pra mim marcou bem a minha vida, achei muito bom aquela aula, pena ter acabado, poderia existir até hoje né, é ela dava a gente comprava um caderno, borracha, eu pra mim borracha porque quando errava a gente molhava o dedo aqui(mencionando o dedo na boca),(risos),e ajudava a gente. (SILVA, Claudemir Farias da. Aposentado. Entrevista 22 de abril 2017).

O Movimento de Educação de Base foi de fato o alicerce para muitos trabalhadores rurais, foi o curso que de certa forma se adequou aos cursistas, pois, como os cursistas trabalhavam durante o dia, o curso foi ministrado durante a noite. Para os cursistas, o MEB deixou saudades, grandes lições e novas aprendizagens e conhecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Utilizando-se de fontes orais obtidas através entrevistas de História Oral realizados com os cursistas do Movimento de Educação de Base-MEB na comunidade do Maranhão, Dona Anidaltina Rodrigues, Seu Osmar Barroso e Seu Claudemir Farias. Apoiando-se em autores da História Oral e História Social, foi possível traçar as Trajetórias e experiências que elucidaram as questões levantadas neste estudo e auxiliaram a iluminar sobre o MEB em Parintins.

O Movimento de Educação de Base-MEB foi, portanto, um instrumento de leitura de mundo de muita importância para os trabalhadores rurais, em especial aos cursistas da Comunidade do Maranhão. Esse movimento partia para a educação à distância, tendo como meio ou instrumento principal utilizado as rádios, as emissoras que pertenciam a igreja católica, como por exemplo, a rádio Alvorada de Parintins-Am que foi utilizada nas comunidades do município nas transmissões das aulas.

As escolas radiofônicas consistiam em repassar aos monitores os conteúdos a serem trabalhados em sala. Os monitores locais executavam, através de explicações do conteúdo, estimulando-os a debaterem as atividades repassadas e além disso, contribuindo na formação dos mesmos para torná-los sabedores de seus direitos e deveres. Sujeitos históricos que, aos poucos tornavam-se críticos e contestadores de suas realidades sociais, exigindo direitos em sociedade e melhorias para as suas comunidades, tendo ética e sabedoria. Formando assim sujeitos conscientes e ativos em sociedade, para que no fim possam transformar suas vidas e o meio em que vivem.

O MEB também deu outras oportunidades aos cursistas, implantando cursos para capacitá-los, sendo um meio para os trabalhadores rurais obterem uma renda extra, pois sabendo que o trabalho na roça, é um trabalho bastante cansativo e, apesar de todo o esforço, o dinheiro não compensa todas as dificuldades traçadas, para enfim poder tirar proveito dos resultados.

Era voltado para os jovens, adultos e até mesmo idosos que não tiveram antes a oportunidade de estar em uma sala de aula, por terem interrompido sua vida escolar por motivos pessoais e por esses e outros motivos o MEB deu a oportunidade a essas pessoas, fazendo com que as mesmas dessem continuidades aos estudos, para que enfim pudessem modificar sua vida escolar, vida comunitária e sua vida familiar.

As atividades do MEB eram ministradas no turno noturno para que justamente os cursistas tivessem a oportunidade de trabalhar durante o dia e ter a noite para estudar. Mesmo cansados, percorrendo dificuldades, ultrapassando barreiras e obstáculos impostas em seus caminhos, muitos dos cursistas conseguiram chegar até o fim dos períodos do curso. Fazendo por merecer os anos vencidos incansáveis, dando um novo rumo em suas vidas, pondo em práticas os conhecimentos adquiridos durante as aulas.

FONTES ORAIS (Entrevistas)

RODRIGUES, Anidaltina da Silva. Aposentada. Comunidade do Maranhão, entrevista realizada no dia 22.04.2017, as 17:32:07.

LOPES, Osmar Barroso. Aposentado. Comunidade do Maranhão, entrevista realizada no dia 22.04.2017, as 15:53:59.

SILVA, Claudemir Farias da. Aposentado. Comunidade do Maranhão entrevista realizada no dia 22.04.2017 as 10:14

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. Histórias dentro da História. In: **Fontes históricas/** Carla Bassanezi Pinsky - São Paulo: contexto: 2011.

BARROS, José de Assunção. **História Social- Seus significados e caminhos.** LPH- revista de História da UFOP. N° 15, 2005.

CAPRINI, Aldieris Braz Amorim. **Pesquisa em História Regional: aspectos conceituais e metodológicos.** III simpósio ILB, v.12,2010.

- CARDOSO, Heloisa Helena Pacheco. **Nos Caminhos da História Social: Os desafios das fontes orais no trabalho.** História e Perspectiva, Uberlândia 2010.
- CASTRO, Hebe. História Social. In: **Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia/** Ciro Flamarion Cardoso e Ronaldo Vainfas (orgs). 3.ed. Rio de Janeiro: Editora campus: 1997.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral e Narrativas: Tempo, memória e identidades.** História Oral, 6, 2003, p. 9-25.
- DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **História Oral-memória, tempo, identidades.** ed. Belo Horizonte: Autentica, 2010.
- FÁVERO, Osmar. **Uma pedagogia da participação popular: análise da prática educativa do MEB- Movimento de Educação de Base (1991/1996) /** Campinas, SP: Autores Associados, 2006. - (Coleção Educativa Contemporânea).
- FENELON, Déa Ribeiro. **Cultura e História Social: Historiografia e Pesquisa.** História, São Paulo, (10), dez.1993.
- KOHURY, Yara Aun, **Narrativas orais na investigação da história social.** Proj. Historia. São Paulo. (22),Jun.2001.
- MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História oral – 4ª edição:** maio de 2002.
- POLLAK, Michel. **Memória e Identidade Social.-** Rio de Janeiro, vol.5, n.º.10, 1992.
- PORTELLI, Alessandro. **O que faz a história oral diferente.** Proj. História, São Paulo, (14), fev.1997.
- SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** 2º. Ed. rev. e ampl. Campinas, SP: autores Associados, 2008,- (coleção memória da educação).
- SILVA, Luís Carlos Borges da. **A importância do Estudo da História Regional e Local no Ensino Fundamental.** Artigo apresentado no I seminário Estudantil de Pesquisa da FAMAM- Faculdade Maria Milza, Cruz das Almas, Novembro de 2004.
- VISCARDI, Claudia Maria Ribeiro. **História, Região e Poder: A Busca de interfaces metodológicas.** - lócus: revista de história, juiz de Fora, vol 3. N.º 1. P. 84 a 97. 1997.
- TAVARES, EULER. Maria da Conceição Dutra Gomes. **Igreja católica e educação popular através do movimento de educação de base (MEB) no município de Parintins nas décadas de 1970 a 1990.**2018.

REZNIK, Luís

- GOMES, Flávio; QUEIROZ, Jonas Marçal. Em outras margens: escravidão africana, fronteiras e etnicidade na Amazônia, In: **Os Senhores dos rios/** organizadores Mary Del Priore, Flávio dos Santos Gomes-Rio de Janeiro: Elsevier, 2003.

OLIVEIRA, Marcia Maria de. **Dinâmicas Migratórias na Amazônia contemporânea**. Tese de Doutorado programa de Pós-Graduação Sociedade e cultura na Amazônia- Universidade Federal do Amazonas, 2014.